

Jacques Fux

# Clementina de Jesus

e a força da ancestralidade

ILUSTRADO POR  
Denise Teixeira



CAMALEÃO

# Clementina de Jesus e a força da ancestralidade

Copyright © 2026 Camaleão.

Camaleão é um selo da Editora Faria e Silva do Grupo Editorial Alta Books (STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.).

Copyright do texto © 2024 Jacques Fux.

Copyright das ilustrações © 2025 Denise Teixeira.

ISBN: 978-65-6025-260-8

Impresso no Brasil — 2ª Edição, 2026 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

F996c

2.ed. Fux, Jacques

Clementina de Jesus e a força da ancestralidade / Jacques Fux; ilustração Denise Teixeira. –

2.ed. – Rio de Janeiro : Camaleão, 2026.

48 p.; il.; 13,5 x 20,5 cm.

ISBN 978-65-6025-260-8

1. Ancestralidade – Literatura infantojuvenil. 2. Memórias. 3. Histórias. I. Teixeira, Denise.  
II. Título.

09-2025/80

CDD 028.5

### Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

## Camaleão é um selo do Grupo Editorial Alta Books

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Editor da Obra:** Rodrigo Faria e Silva

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutüs

**Produtora Editorial:** Erika Alonso

**Revisão:** Luciana Garcia e Flávia Yacubian

**Diagramação:** Natália Tudrey (Balão Editorial)



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)

**Ouvidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)

Editora  
afiliada à:



**abdr**  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE  
DIREITOS REPROGRÁFICOS

ASSOCIADO



# Clementina de Jesus

e a força da ancestralidade

ANNOOSTRA



*A primeira vez que ouvi Clementina fiquei paralisada,  
quase em estado de choque.*

*O Brasil que acredito tem a voz dela. Rainha.*

*Diz que Teresa Cristina ainda está em choque.*

*Tudo para as mulheres negras chega de uma forma mais tardia, no sentido de alcançar o que nos é de direito. É difícil, para nós, chegar a esses lugares. E eu fiquei pensando por esses dias: quando foi que Clementina de Jesus apareceu? Com mais de 60 anos. [...] A própria Ivone Lara, quando terá mais visibilidade na mídia? E olhe que estamos falando de produtos culturais que, entre aspas, “são mais democráticos”.*

*Conceição Evaristo dando a real num papo reto e direto.*

*Tudo o que se fala de Clementina de Jesus não tem  
a dimensão da presença dela.*

*Ouvi-la cantando, sentada, com o seu vestido de renda,  
era algo absolutamente fascinante, difícil de transmitir,  
de traduzir em palavras.*

*Com certeza, Paulinho da Viola. Com certeza.*



Todos admiravam seus olhos iluminando o ambiente. Todos reverenciavam seu canto combinando tempos e espaços. Todos contemplavam seu corpo quase levitando. Isso acontecia, pois ela estava amparada pelo coro de milhões de vozes, histórias e culturas.

Ela caminhava lentamente. Tinha o lado esquerdo do rosto paralisado e desgastes no quadril e nos joelhos em função de um AVC. Já havia um tempo a doença não lhe permitia cantar. Porém, entrar naquele estúdio de gravação com 81 anos de idade não foi uma tarefa difícil. Foi uma enorme alegria e responsabilidade, pois, como legítima herdeira-*muluduri*\*, ela transmitia e perpetuava sua ancestralidade.

Ela caminhava de mãos dadas com o passado, agora se tornando presente. Ela se transformava na representante da ancestralidade. Na união com seus avós e os avós de seus avós.

Avós que um dia foram trancafiados, traficados e escravizados. Avós privados de ar, de luz, de comida, de cuidados, de abraços e de amigos. Privados da vida e da própria humanidade.

Ela estava com Isaac e Eva, seus avós maternos, *mulucamos*, escravizados em fazendas de café; com Abraão e Tereza Mina, avós paternos, que integraram o grupo de escravizados comercializados no forte de São Jorge de Mina até chegar às Minas Gerais.

Então, naquele momento, naquele dia mais que especial, ela não era somente Clementina de Jesus, a rainha Quelé. Ela representava milhões e milhões da Mãe África.

---

\* As palavras destacadas em negrito encontram-se ao final do texto, na seção Glossário.

Clementina de Jesus entrou no estúdio Eldorado em 1982 para gravar o seu último disco, *O canto dos escravos*. Trajava o vestido de renda longo, branco, acompanhada do neto, Bira. Não cantaria as conhecidas músicas populares, nem brincaria com sambas, **modinhas** e partidos-altos. Hoje, Quelé entoaria os cantos eternos e imortais de seus ancestrais.

Clementina começou cantando súplicas dos escravizados durante o árduo trabalho de mineração. Todos os presentes nessa cosmovisão africana ficaram extasiados. Com nó na garganta e no coração, aplaudiram e enxugaram as lágrimas. Em seguida, ela encantou com *cangomas*: festejos com tambores dos escravizados nas lavras de Diamantina. Esse canto a transportou para a infância. Para os tempos em que lavava roupas com a mãe, no córrego aos fundos da casa dela, em Valença, e entoava cânticos de seus antepassados.



Mas calma lá: uma voz assim tão esplêndida não nasce do dia para a noite, certo? E Clementina já tinha 81 anos quando gravou *O canto dos escravos*. Então, qual foi a história de Clementina para chegar a esse épico momento?



Leitoras e leitores amigos, a vida de Clementina foi difícil. Mulher negra, pobre, descendente de escravizados, passou a vida sofrendo discriminação e racismo. Viveu décadas sem ser notada (ou sendo notada demais) em razão da cor da pele e da ascendência. Felizmente, ela conseguiu triunfar por conta do talento, dos estudos, da genialidade – e por alguns encontros e acasos.

Para que vocês conheçam um pouco mais da luta, das histórias, das músicas e desses acasos e encontros pelos quais passou, vamos, como na cadência de um samba, contar um pouquinho mais da vida dela. E falar da nossa sorte em poder ouvir e admirar o seu legado pessoal e musical!

Clementina de Jesus nasceu ao som dos batuques do **jongo** no dia 7 de fevereiro em 1901, na comunidade do Carambita, bairro de Valença, Rio de Janeiro.

Jongo? Sim, uma dança embalada-abalada pelo som de tambores presente na cultura afro-brasileira, que temperou o samba carioca e a alma dessa criança que acabava de nascer.

O pai, Paulo Baptista dos Santos, pedreiro, carpinteiro, capoeiro e violeiro, construiu a casa da família, onde, ao fundo, havia um corregozinho com uma nascente de água clarinha, sem odor e sabor (o que é ótimo). De manhã, Clementina ia cantarolando buscar água a pedido da mãe, Amélia Laura de Jesus dos Santos, trabalhadora doméstica, parteira e rezadeira. Era ao som desse córrego que a mãe entoava melodias dos antepassados – algumas vezes, tristes; outras vezes, esperançosas por dias melhores. Clementina se nutria desse amor cantarolante que já modelava seu ser e sua voz.

Aos oito anos, Clementina se mudou para a capital do Rio de Janeiro, inicialmente no bairro de Oswaldo Cruz. Lugar importante, pois aí surgiria a escola de samba Portela, onde ela participou das primeiras rodas.

O pai trabalhava como zelador em uma escola, na zona norte, mas foi demitido. Então a mãe, sem saída, como todas as mulheres nessa situação, tornou-se funcionária doméstica. E, impossibilitada de se dedicar à criação da filha, matriculou-a no semi-internato do orfanato Santo Antônio.

Inteligente, Clementina brilhava em todas as aulas, sobretudo as de canto! Não demorou para se tornar a principal voz do coro da igreja e da escola, aprendendo a cantar até em latim. (Dizem que as apresentações ficavam lotadas! Que todos já se fascinavam por aquela menina!)



A voz e a cultura de Clementina eram temperadas por muitas misturas misturadas, o tal do **sincretismo** com pitadas de **hibridismo**.

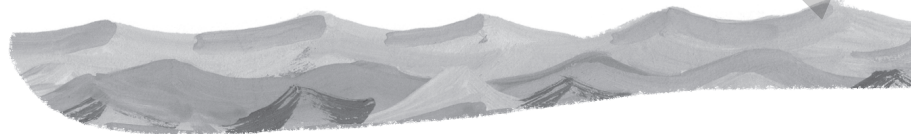
Opa, sincretismo ao molho de hibridismo?

Sim! O sincretismo era uma forma, entre os negros escravizados, de manterem a cultura ancestral. Uma estratégia oral de contarem sobre o passado e a dura luta por sobrevivência e readaptação, sem nunca perder suas histórias e seus valores. Já o hibridismo era justamente o recheio que colocavam, com pitadas de religiosidade!

Clementina se tornaria a voz e o elo, até então perdidos, entre a moderna cultura negra brasileira, formada por esses escravizados, e a cultura milenar africana, de povos livres. Foi justamente lá no córrego, ouvindo a mãe cantarolando rezas católicas em latim aprendidas no Brasil, e ladainhas, benditos, partidos-altos e jongs de tempos ancestrais, que Clementina temperava seu sincretismo ao molho de hibridismo! E ficava uma delícia!

A voz dela soava ainda mais deliciosa com pitadas da cultura **Iorubá** e **Jeje-nagô**! Os Jejes, povos escravizados vindos do Reino de Daomé (atual Benin), e os Nagôs Iorubá, vindos da África para a Bahia, também faziam parte das misturas misturadas e saborosas de Clementina.

Viva!

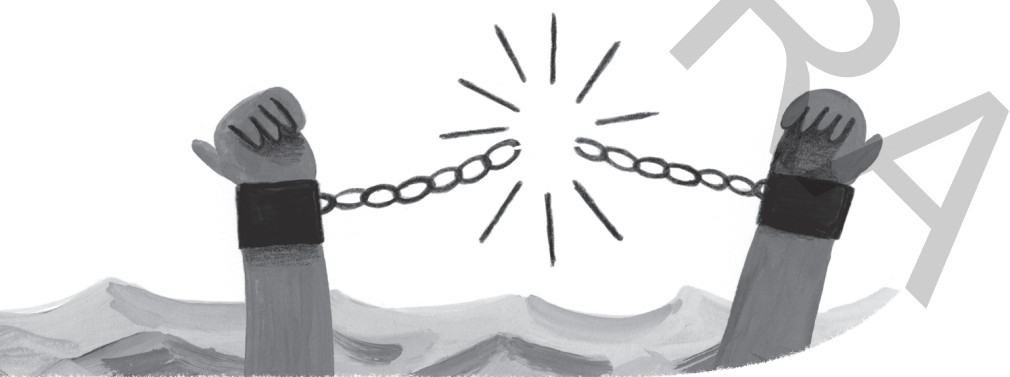


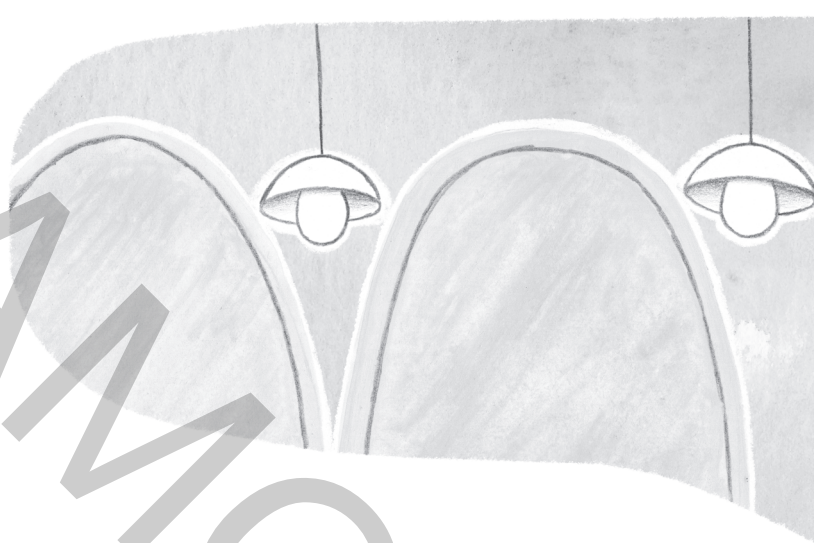
Mas, claro, havia tristeza, saudade e ausências nesses cânticos entoados à beira do córrego. Infelizmente, a história do povo e da cultura negra no Brasil começou com a chegada dos povos escravizados.

Milhões e milhões arrancados de sua terra, de sua cultura e de sua família. Traficados em transatlânticos e escravizados em plantações, minas e outros setores econômicos das Américas, principalmente entre os séculos XVI e XIX.

Esses crimes imperdoáveis e terríveis se estenderam por bastante tempo. No Brasil, a escravidão durou mais de 300 anos, desde a chegada dos primeiros africanos, em 1500, até a abolição oficial, em 1888.

A voz e o canto de Clementina, da mãe dela, dos avós e dos antepassados refletiam culturas e histórias milenares. Além do peso e da dor dos escravizados, os cantos também eram recheados de saudades dos tempos dos antepassados livres.





Amigas e amigos leitores, vocês já podem perceber, então, como era vasta e profunda a cultura de Clementina, certo? Mas ainda havia mais tempero! Muito mais!

Além de ir com o pai às cantorias de modinhas e jongs (parte de sua tradição africana), Clementina participava – com o mestre de **pastoril** João Cartolinha e a filha dele, Josefa – dos cortejos das pastorinhas, uma tradição católica temperada de brasilidade.

Dizem que era mais ou menos assim: as amigas Josefa e Clementina se fantasiavam de vendedoras de peixe, cantavam pelas ruas da vizinhança e pediam brindes e prendas. Era uma brincadeira repleta de cultura e música para todo lado, e para o lado todo.

A verdade para lá e para cá de verdadeira é que nunca faltaram estímulos na vida de Clementina, mesmo com as dificuldades da família. E isso não tem preço, só apreço!



Nessa época, Clementina recebeu o apelido que levaria por toda a vida: Quelê! Foi mais ou menos assim, ou assim menos ou mais que aconteceu: bem perto da casa dela, havia uma barbearia. O dono era um espanhol engraçado de nome José (favor ler com a pronúncia correta: RRRRRosé!). Ele era um dos muitos que se encantavam com a voz da Clementina. Toda vez que ela passava por lá, RRRRRosé pedia duas, três ou até quatro palhinhas para a menina. Com a pronúncia carregada do espanhol, e ansioso para que Clementina desse uma canjinha (ou até uma canjica inteira) para atrair clientes, ele dizia: “Vem cá, Cleme. Vem, Clelê. Vem cá, Quelê! Chega mais, Quelê!”.

E aí foi, ficou sendo e seguirá sendo Quelê!